

EDITORES

Aloysio Augusto d'Abreu

Maria do Carmo Andrade Palhares

Maria de Fatima Amin

ASSISTÊNCIA EDITORIAL

Munira Aiex Proença

SUMÁRIO

EDITORIAL

Antes de tornar-se palavra técnica da psicanálise de Freud, Trieb já era e ainda é um vocábulo corrente na língua alemã. De uma origem concreta na pecuária como ato de impelir o gado foi gradativamente expandindo-se para o humano, entrelaçando o concreto e o intangível. A força motriz que era externa se internalizou como impulso primordial que faz nascer o broto, mover as máquinas e impelir o homem à ação. Interessa-nos aqui este sentido comum de algo brota, que está sempre brotando, ou seja nascendo de novo não se sabe de onde, pois esta imagem expressa a nosso ver o cerne da experiência psicanalítica. Além desta imagem, este movimento incessante expressa sua mais interior exterioridade, conjugando invisível e potência de ação externa. A psicanálise, assim, enquanto saber que se aprende com a experiência, nunca se completa, já que está sempre experimentando sair de si, andar para fora e retornar transformada, transformando o até então vivido na experiência clínica em potência de vida: transcender é o caminho que configura o trânsito entre os fins e os começos. Trieb é também uma lembrança que nascer é começar a morrer, o que nos deixa em condição de incerteza sobre nós mesmos, uma inquietude que não acaba de acabar enquanto dura a vida. Tal dimensão de formas nos expõe a vivências de descontinuidades que se oferecem à criatividade humana como possibilidade de ampliação do sentido da realidade interior e exterior.

Dados os contornos provisórios e incertos do conhecimento produzidos no campo da clínica e da pesquisa em psicanálise, esta não pode eliminar contradições e paradoxos, devendo recusar modelos pré-estabelecidos, onde tudo parece no lugar definitivo, tudo está absolutamente claro negando o valor dos contrastes entre luz e sombra. Neste contexto, não há mais hesitação, não há mais o aprender que transporta o que se ignora para inusitadas perspectivas. Ocorrendo isto, desapareceria da experiência psicanalítica aquilo que lhe permite captar as variações do mundo em que vivemos e seus impactos e ressonâncias em nossas subjetividades.

Nenhuma revista como esta pode deixar de lado publicações que façam análises mais detalhadas dos modos de ação psicanalítica, pois tais publicações são condição necessária à produção de conhecimento, gerado seja na experiência da clínica por meio de leitura de textos, da comunicação e da discussão entre pares, seja na clínica ampliada, em comunidades ou na vida social e política. Portanto, publicações que interroguem para além do já conhecido e estabelecido abrindo um fluxo de linguagem que propicie a instauração do inédito e dos impasses inibidores da expansão do nosso ofício. Nestas condições, destacamos como valor a aptidão para sermos surpreendidos pelo que brota, pelo inapreensível, bem como pelo humor.

Reconhecendo a contemporaneidade, percebemos que estamos hoje em dia organizados socialmente em torno de satisfações auto-eróticas imediatas. A priorização desse imediatismo quase mágico dispensa a relação com o outro, que vai sendo cada vez mais percebido de forma paranóica, numa relação de antagonismo e hostilidade. O preço pago por isto é, evidentemente, o empobrecimento da vida, a diminuição dos sonhos possíveis, a restrição do aleatório e da imprevisibilidade, a obstrução do mistério.

A questão da qualidade e da natureza do conhecimento produzido na clínica e para a clínica e o estatuto dos conceitos e sistemas de pensamentos da psicanálise são decisivos para as práticas dos psicanalistas se quisermos continuar trabalhando com o novo homem que uma mutação cultural em curso está constituindo. Desta forma, não podemos desistir da especificidade do nosso discurso e seu objeto em proveito de outros não mais bem constituídos ou, talvez, mais bem constituídos. Tudo isto nos obriga a refletirmos sobre temas antigos e novos dessa aprendizagem tão refinada e sofisticada à qual nos entregamos e que pode estar sendo esquecida e negligenciada, fazendo-nos correr um risco identitário.

Assim, firmamos como novos editores da TRIEB nossa defesa da especificidade do saber e da experiência psicanalítica, atribuindo à questão do rigor uma grande importância na luta contra o dogmatismo e o ecletismo, bem como contra o cientificismo caricato e de imitação que não leva em conta o que há de específico e, ao mesmo tempo, inapreensível no campo da psicanálise e de seu objeto, o inconsciente freudiano e seus fecundos desdobramentos, que não conhece pontuação nem cortes.

Ainda que existam e nos sejam úteis outros saberes e suas idéias, pois a dimensão clínica está profundamente articulada à dimensão cultural, cabe-nos nesta revista incentivar a tarefa de construir teorias articuladas às nossas práticas e enraizadas nas experiências com nosso objeto, nas mais diferentes circunstâncias particulares de trabalho nas quais hoje se encontram os psicanalistas. Adentrar o território psicanalítico significa reconhecer singularidades que potencializem a realidade genuína de cada ser humano habilitando-o a abrir novas narrativas sobre si-mesmo, favorecendo o encontro com o outro, o diferente. Trieb em sua expansão conceitual constitui-se como letra viva deste projeto.

Os Editores

Aloysio d' Abreu

Maria de Fatima Amin

Maria do Carmo Andrade Palhares

Sherrine Maria Njaine

Artigos Temáticos: O Infantil na Psicanálise

Sexualidad y violencia en la adolescencia, hoy. Asbed Aryan

Resumo O autor propõe uma maneira diferente de compreender o lugar do analista e, principalmente, como ocupa-lo. Considera que para atualizarmo-nos em nossa prática é necessário que avaliemos, frequentemente, o que deve permanecer importante e o que deve mudar em nosso enfoque. Com esta posição, destaca o que lhe parece importante considerar para compreender e abordar a sexualidade e a violência na adolescência. Afirma, que se a subjetividade do paciente e do analista não são as mesmas de cinquenta anos atrás, e muito menos se pensarmos em cem anos, é importante que pensemos criativamente novas maneiras de enquadrar a situação e o processo analítico. Entretanto, enciste que estas mudanças não dizem respeito aos fundamentos e metas da psicanálise. Não são da metapsicologia da psicanálise. Mudou a subjetividade do paciente e do analista em seus conteúdos, mas não a

estrutura de seu aparato psíquico. Conclui que os analistas dos adolescentes não são apenas intérpretes do inconsciente neurótico, mas também, de acordo com as necessidades de cada caso, são parceiros com quem o adolescente pode estabelecer novos pontos de partida da transferência. O autor considera que este é um dos motivos de angústia contratransferencial do analista de adolescentes.

Palabras-chaves: *sexualidade adolescente, violencia, intersubjetivo, cuerpo sexualmente madurado*

A criança na teoria psicanalítica: do conflito pulsional ao nascimento psíquico. Carlos Alberto Plastino

Resumo Para a teoria psicanalítica, é na infância que são construídos os fundamentos do psiquismo. É nessa época que as modalidades de relacionamento intersubjetivo se forjam, as fantasias fundamentais se organizam e as instâncias do psiquismo se constituem. O presente trabalho aborda a construção teórica elaborada sobre a infância, destacando três perspectivas fundamentais. A primeira, formulada por Freud, é organizada em torno da dinâmica pulsional e conflituosa, que atingiu seu ponto culminante na teorização do significado da tragédia edípica. A segunda perspectiva, centrada nas relações objetais, postula a singularidade da experiência que precede a vivência do Édipo, que no artigo é trabalhada como sendo não edípica – e portanto alheia à lógica do Édipo. A terceira perspectiva, trabalhada entre outros por Winnicott e Balint, privilegia a problemática da criatividade. Abordando a complexidade das relações existentes entre essas três perspectivas teóricas, o artigo sublinha a influência das concepções paradigmáticas vigentes na época de Freud na elaboração da metapsicologia.

Palavras-chave: *infância, pulsional, objetos, conflito, criatividade.*

O que narram os contos de fadas? Ruth Naidin

Resumo Esse trabalho pretende pensar sobre o que narram os Contos de Fadas e em que consiste o prazer que eles nos proporcionam, mesmo considerando uma audiência de adultos.

Proponho haver conexões estreitas entre Contos de Fadas e Chistes e sugiro que o prazer que ambos oferecem têm raízes comuns, sob o ponto de vista econômico de Freud.

Palavras chaves: *Contos de Fadas, Chiste, Fantasia, Metapsicologia*

Violência sutil: algumas reflexões sobre separações precoces. Anna Lucia Melgaço Leal Silva

Resumo O trabalho procura investigar as vicissitudes experimentadas pelo self, que tenha sofrido situações traumáticas originárias de uma situação ambiental de violência não explícita, silenciosa, denominada pela autora, *violência sutil*. Sugere ainda que vivências abruptas de separação, no início de desenvolvimento emocional, podem facilitar a irrupção de doenças somáticas no *infans* e outras perturbações, no seu desenvolvimento posterior, decorrentes do trauma sofrido nessas separações. Para ilustrar as questões apresentadas, foram utilizados relatos de observação da relação mãe-bebê, segundo o método Esther Bick, e do tratamento psicanalítico de uma paciente pós-adolescente. São discutidos também o pensamento de Donald Winnicott, a respeito de função especular e mãe aterrorizante, e algumas ideias sobre violência com bebês, de Françoise Dolto e Piera Aulagnier.

Palavras chaves: *violência sutil, observação da relação mãe-bebê, função especular, mãe aterrorizante.*

O Brincar em Winnicott: um novo paradigma na psicanálise. Regina Celi Bastos Lima

Resumo Pretendo destacar nesse trabalho uma propriedade do infantil não reconhecida pela psicanálise na sua magnitude. Tentarei, amparada na teoria de Winnicott, demonstrar os fundamentos e a importância do brincar na constituição da subjetividade. Vou privilegiar o fator criatividade,

observando o sentir e o agir no mundo, e a característica da entrada do ser humano na cultura, fazendo um contraponto às concepções teóricas de Freud relativas a essas questões.

Palavras-chave: *brincar, infantil, criatividade, sublimação, cultura*

Infantis em Psicanálise: O pequeno Hans e os primórdios da intervenção nas relações iniciais pais-bebê/criança. Maria Cecília Pereira da Silva, Magaly Miranda Marconato Callia, Mariângela Mendes de Almeida

Resumo Neste trabalho procuramos acompanhar as intervenções realizadas por Freud junto a Hans e seus pais, apontando como já se instalavam aí os primórdios de um modelo de Intervenção nas Relações Iniciais Pais-Bebês/Crianças. Constata-se então, como, desde o início da psicanálise, a abordagem do desenvolvimento infantil em suas interfaces tanto com a saúde quanto com a psicopatologia, conecta-se com um olhar para os vínculos pais-criança no contexto familiar, promovendo a possibilidade de agilizar intervenções terapêuticas e estabelecer redes de sentido a partir da compreensão e do diálogo entre elementos do mundo interno da criança e aspectos constitutivos da parentalidade.

Palavras Chaves: *Pequeno Hans, relações pais-crianças, intervenção precoce, técnica em psicanálise de crianças.*

Agressividade, destrutividade e culpa sob a perspectiva do choro infantil. Alexandre Socha

Resumo O presente estudo se propõe a um breve percurso pelo conceito de agressividade e suas raízes, acompanhando seus desdobramentos na obra de D. W. Winnicott. Tal revisão terá como fio condutor o chorar infantil, reconhecendo suas ressonâncias e paralelos com a teoria proposta pelo autor, e identificando sua proximidade com fenômenos tais como criatividade, relação e uso de objeto, destrutividade e externalidade. Deste modo, a agressividade e seus destinos encontrarão tradução sonora através do chorar, compreendido como elemento fundamental no desenvolvimento emocional humano.

Palavras chave: *Agressividade, choro infantil, desenvolvimento emocional, Winnicott.*

Um paciente que são dois: clínica extensa no consultório. Fernanda Sofio

Resumo O analisando é uma dupla de irmãos, um paciente que são dois. Assim aconteceu, visto que o prosseguimento da análise de Tiago, de seis anos, exigiu a presença de seu irmão caçula, transformando-se em análise da dupla, devido a uma relação de forte dependência. Foi essa uma solução encontrada em caráter emergencial, exigindo flexibilização da moldura padrão, trazendo como resultado alterações técnicas. A partir da experiência com Tiago e Marco, pode-se observar que a moldura analítica é uma extensão técnica da clínica – não é fixa ou inalterável, nem é necessário que o analista se sujeite uma ideia clássica de moldura ou enquadre. Deve esta, a moldura, estar a favor do trabalho com o paciente, exigindo-se repensá-la, modificá-la ou transformá-la conforme a situação analítica o exigir.

Palavras-chave: *função terapêutica, clínica extensa, clínica psicanalítica, Teoria dos Campos.*

O infantil na discussão sobre os limites da analisabilidade: uma questão de limites psíquicos. Issa Damous

Resumo Este artigo visa ampliar a discussão sobre os limites da analisabilidade para além de uma questão nosográfica, em geral centrada sobre os casos-limite. Nesse sentido, a proposta é considerar principalmente a constituição dos limites psíquicos no âmbito das relações objetais primárias. Trata-se de que, consolidados, os limites psíquicos possibilitam suportar e transgredir os limites que garantem o exercício analítico. De outro modo, prejuízos nesse contexto engendram limites da analisabilidade que emperram a clínica, o que na verdade ocorre incisivamente com os casos-limite.

Palavras-chave: analisabilidade; limites psíquicos; casos-limite; relações objetais primárias.

Outras contribuições

Günter Grass, nas peles da cebola. Paulo Marchon

Resumo Günter Grass, aos 15 anos, ofereceu-se como voluntário à marinha alemã. Recusado, dois anos depois, aos 17 anos, foi convocado para servir, obrigatoriamente, nas SS. Suas memórias, *Nas peles da cebola*, mostram intenso ataque invejoso e ciumento à sexualidade dos pais, que culmina na sua entrega a Hitler, considerado o pai não sexual e, por isso, puro. Grass diz que “Freud e seus alunos... tornaram tão compreensível o ódio do filhinho da mamãe contra o pai” que, para ele, este ódio foi, “se não a causa, pelo menos o impulso adicional para ir em busca da distância, onde quer que fosse” (p. 64). Sua confissão de oferecimento voluntário à causa nazista, aos quinze anos, desencadeou uma onda mundial contra ele. As cisões e os processos de identificação projetiva dominaram sua existência. O povo alemão era um alvo fácil para tais identificações. O autor correlaciona Günter com Richard, o paciente de Klein.

Palavras-chave: Identificação projetiva, nazismo, “consciência pesada” da Alemanha, cultura doentia, voluntário.

A Ética e a Clínica: breve reflexão. Eva Maria Migliavacca

Resumo Este artigo trata da ética como intrinsecamente ligada ao desenvolvimento pessoal do psicanalista. Partindo da psicanálise, o texto expande-se para a importância de contribuições de outras áreas para pensar a ética como um constituinte da formação humanística, indispensável ao exercício clínico.

Palavras-chave. Ética. Psicanálise. Método. Função analítica.

Medo e agressividade: Entre a perspectiva da psicanálise e a da etologia. Vera Regina Jardim Ribeiro Marcondes Fonseca

Resumo Tendo como ponto de partida desenhos de duas crianças com transtorno autístico, este artigo pretende explorar os dados provenientes do estudo etológico da agressividade e de sua ligação com a percepção inata do perigo, e cotejá-los com os estudos psicanalíticos contemporâneos sobre tais temas. A leitura das duas perspectivas permite concluir que no desenvolvimento normal a tendência inata a perceber as experiências como perigosas, produto de nossa história filogenética, é mitigada pela internalização da proteção oferecida pelos cuidados parentais. A partir desta possibilidade, a capacidade simbólica irá progressivamente oferecer alternativas de negociação dos comportamentos agressivos e dos estados de medo que podem subjazer aos mesmos. Entretanto, nas falhas mais

importantes do desenvolvimento, como é o caso dos transtornos autísticos, nem a proteção propiciada pela relação com os pais foi internalizada, nem a função simbólica desenvolvida, levando a experiências relacionais caracterizadas por fantasias primitivas de destruição mútua.

Palavras-chave – *Transtorno autístico, psicanálise, etologia, agressividade, medo inato.*

Bodas de Sangue. Rosine Jozef Perelberg

Resumo Freud em 1931 sugeriu que as analistas mulheres teriam mais facilidade em acessar a transferência pré-edípica em suas pacientes mulheres. Neste trabalho sugiro que estas curas trazem, por vezes, para o centro da transferência uma imago materna assustadora. O conflito que se torna presente indica o desejo de fusão com a mãe primária, por um lado e, por outro, o pavor dessa mesma mãe. Mervin Glasser chama esse processo de « complexo nuclear », que se situaria no centro de uma perversão. Na minha visão, trata-se de um processo central no desenvolvimento de todo indivíduo na relação com sua mãe. Dois exemplos clínicos são discutidos em que as experiências da infância, aterrorizantes ganham representações no *après coup* do processo analítico.

Palavras chaves: *ligação primitiva, identificação, complexo nuclear, imago materna, après coup.*

O filme Cisne Negro como caso clínico. Considerações conceituais sobre a obra de Winnicott. Vera Marieta Fischer

Resumo O filme Cisne Negro foi utilizado neste trabalho para um estudo tal como se fosse um caso clínico. Para este intento consideramos alguns conceitos para reflexões teóricas e clínicas, em especial da obra de Winnicott. Tomamos várias vertentes, dentro da abordagem de uma rede de tecido de fios entrecruzados distinguindo-se os principais: mãe suficientemente boa, mãe devotada comum ou ambiente facilitador; o papel do pai ou a ausência do pai; função especular e o conceito de identificação; clivagem; agressividade e fantasia; destrutividade-autodestrutividade. Algumas reflexões são efetuadas a partir da sequencia do filme, buscando aplicar estes dados a condições de adoecimento ligadas à automutilação, anorexia e dismorfia. Um ponto fundamental é a constatação do papel estruturante ou desestruturante que o objeto externo pode ter para o desenvolvimento psíquico do ser humano.

Palavras chave: *cinema e psicanálise; filmes como casos clínicos; teoria do desenvolvimento.*

Uma leitura psicanalítica da dependência química. Tânia Oliveira de Almeida Grassano

Resumo O objetivo deste trabalho é demonstrar como podemos compreender e atender um paciente dependente químico, por meio da psicanálise, levando em conta suas especificidades, além de considerar também os diversos fatores sociais, familiares e individuais que contribuem para a instalação dessa patologia. Para fins didáticos, este trabalho foi dividido em quatro partes. A primeira se refere ao uso e abuso de drogas na história da humanidade. A segunda é destinada às construções teóricas relacionadas ao tema. A terceira demonstra aspectos da clínica psicanalítica e os seus desafios. Por fim, há um espaço para as considerações finais.

Palavras-chaves: *dependência química; psicanálise; tratamento; intervenção.*

Resenhas

Flutuando atentamente com Freud e Bion. Marchon, Paulo. Imago. Rio de Janeiro. 2009. 288p. Roberto Bittencourt Martins

Intervenções. Mezan, Renato. Casa do Psicólogo. São Paulo. 2011. 324 p. Monica Marques Tenenbaum

Entrevistas preliminares em psicanálise: incursões clínico-teóricas Rocha, Fernando J. B. Casa do Psicólogo. São Paulo. 2011. 219p. Viviane Frankenthal

Tradução

O acesso ao sentido, René Diatkine. Tradução de Fernando José Barbosa Rocha